

PAULA GUIMARÃES SIMÕES & JULIANA DA SILVA FERREIRA

paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br; juckel@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

O SUICÍDIO DE WALMOR CHAGAS: ACONTECIMENTO E CONTEXTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

INTRODUÇÃO

A morte é velada na sociedade em que vivemos. Ainda que ela esteja diariamente estampada nos jornais e representada nas telas de TV, existe uma dificuldade compartilhada socialmente em nomeá-la, discuti-la, explica-la. A finitude dos seres vivos parece negligenciada pelas pessoas na contemporaneidade até o momento em que somos confrontados com uma morte trágica, inesperada, que nos coloca diante de nossa própria finitude. Esse é o caso do suicídio de uma celebridade, que, ao ser tematizado na sociedade, não apenas nos confronta com a mortalidade humana, mas com outras questões importantes que devem ser discutidas no contexto atual.

O objetivo deste texto é analisar o suicídio do ator brasileiro Walmor Chagas, ocorrido em 18 de janeiro de 2013, a partir do conceito de acontecimento. O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, discutimos a relação entre morte e acontecimento, evidenciando como aquela impulsiona relatos de natureza biográfica. Na segunda, analisamos o suicídio de Walmor Chagas à luz do referencial teórico delineado, procurando perceber como essa morte afetou os indivíduos e o que revela sobre a sociedade contemporânea – o que nos ajuda a compreender, respectivamente, os poderes de *afetação* e *hermenêutico* do acontecimento.

MORTE, ACONTECIMENTO E BIOGRAFIA

A morte é um objeto de difícil apreensão, sendo sua apropriação na sociedade “função da interação do sujeito com os seus parceiros, com seu próprio eu, com sua cultura” (Rodrigues, 2006, p. 22). Segundo Rodrigues, a morte não pode ser apreendida como objeto porque nos escapa. O ser humano não a experimenta, pois, quando ela chega, já não o é mais. Ele deixa

de ser um ser pensante para ingressar no nada. É nesse sentido que “a morte é objeto de espanto e não parece poder ser enfrentada” (Dastur, 2002, p. 6). Apesar disso, está presente em nossas vidas (de diferentes maneiras) e é justamente a consciência da morte que marca nossa humanidade.

Para Rodrigues, a consciência do aniquilamento desafia a forma humana de explicar o mundo e sua própria existência. “Pode-se dizer que o homem é o único a ter verdadeiramente consciência da morte, o único a ‘saber’ que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera” (Rodrigues, 2006, p. 18). A morte para o ser humano não é somente o fim biológico, mas o fim de um ser que se relaciona, sendo o vazio que a sucede interacional. Para isso, estão os ritos, que comunicam, assimilam e expulsam o impacto do aniquilamento. “Os funerais são ao mesmo tempo, em todas as sociedades [...] uma crise, um drama e sua solução: em geral, uma transição do desespero e da angústia ao consolo e à esperança” (Rodrigues, 2006, p. 21). Cada comunidade interpreta a morte como um tipo de acontecimento, dando determinados significados ao evento que possibilite a rejeição desse “absurdo”.

A recusa da morte e a crença no duplo são quase tão antigas quanto a história da humanidade. As civilizações da pré-história já enterravam seus integrantes com utensílios que seriam úteis no além, ou seja, em uma outra vida. Por muito tempo e em diferentes culturas, a morte é encarada assim, como transformação: “um deslocamento do princípio vital”, que não aniquila o ser (Rodrigues, 2006, p. 39). No entanto, Rodrigues destaca uma nova forma de encarar a morte na civilização contemporânea: a morte como um desaparecimento, que convoca os ritos funerários e a “expressão obrigatória dos sentimentos” (citado em Rodrigues, 2006, p. 41).

Para cada sociedade, um complexo ritual, complexo que é um verdadeiro teste projetivo da vida coletiva. As emoções a sentir e a expressar – tristeza, indiferença, alegria – não são absolutamente questões de decisão individual. Ao contrário, dependem estreitamente do tipo de morte [...], da condição do morto [...], da posição social do sobrevivente e de sua relação com o desaparecido (Rodrigues, 2006, p. 40)

Independente das variáveis que distinguem os tipos de morte, é indiscutível que esta gera conversas, relatos, discursos que procuram imortalizar o defunto através de uma construção biográfica. No cenário contemporâneo, evidenciam-se as narrativas biográficas das figuras públicas, que são construídas cotidianamente (na mídia e na sociedade). Tais narrativas mobilizam o público e produzem reações aos discursos que instauram. Herschmann e Pereira (2003) afirmam que o interesse por esse gênero da

biografia vai além do voyeurismo: os relatos sobre a trajetória de vida de figuras públicas podem se constituir em referências para a construção da identidade dos sujeitos.

Segundo os autores, construímos nossas vidas com a mídia a partir do sentimento de identificação com ídolos, heróis e célebres que, juntamente com o sistema de anônimos, constroem a sociedade atual. Celebidades emergem a todo o instante e em diferentes campos – desde aquelas com pouco (ou nenhum) desempenho notório em uma atividade profissional até as que conquistam seu lugar no rol da fama em virtude de uma performance profissional meritória. As narrativas em torno da trajetória dessas figuras se configuram como um polo de identificação e reconhecimento pelos sujeitos. Herschmann e Pereira (2003) sugerem que a fragmentação da identidade é o principal fator para essa configuração. As narrativas põem em ordem um mundo cada vez mais dividido porque apresentam a memória e o projeto de um indivíduo também fragmentado e múltiplo. O público, em especial os fãs, pode confundir e pautar sua vida pela trajetória dessas personalidades âncoras.

A importância das biografias na contemporaneidade também pode ser associada ao cenário de globalização, de acordo com Rondelli e Herschmann (2000). Para os autores, esse cenário acarreta uma dissolução das fronteiras, dificultando o estabelecimento de âncoras temporais. O apelo ao passado é, assim, um recurso para compensar o fluxo acelerado de mudanças. Logo, as biografias são importantes referenciais, produtos que criam ou buscam afirmar heróis, ídolos, celebridades – os quais terão sua continuidade no tempo (e na memória coletiva) garantida a partir da construção biográfica construída em torno deles.

Podemos dizer que essa trajetória de vida dos célebres – assim como a dos sujeitos comuns – é construída a partir de inúmeros acontecimentos: do nascimento à morte, ocorrências edificam a história de tais personalidades. A noção de acontecimento é entendida aqui, sobretudo, a partir da abordagem de Louis Quéré (2005), para quem o acontecimento é uma profusão de sentidos que emerge no mundo e afeta direta e indiretamente a vida das pessoas. Além de destacar essa passibilidade do acontecimento, o autor evidencia que ele é de ordem hermenêutica: pede para ser compreendido e faz compreender as coisas. Ou seja, possui um caráter revelador.

Nesse sentido, o acontecimento é o que emerge, “o excepcional que se desconecta da duração” (Quéré, 2012, p. 21), e é nesse processo que agem os discursos midiáticos, simbolizando-o em narrativas e identificando causas, consequências e relações com o tempo. Dessa forma, há uma diversidade de acontecimentos na nossa experiência, e Quéré (2012) faz

uma distinção entre os acontecimentos existenciais e os acontecimentos-objeto. Os primeiros dizem respeito às ocorrências que emergem no mundo, em determinado contexto; estas, no entanto, só são apreensíveis através da linguagem e, portanto, a partir de um processo de simbolização. Quando os acontecimentos são assim simbolizados, eles se constituem como acontecimentos-objeto. Dessa forma, é a partir dessa segunda forma de manifestação do acontecimento que podemos compreendê-lo – e com isso, compreender o mundo em que ele se inscreve. Conforme Quéré, a configuração como acontecimento-objeto “é o caso da maioria dos acontecimentos fsgados pela comunicação. Isso não significa que sejam “des-realizados”, tampouco que deixaram de fazer parte de nossa experiência, mas procedem de outra maneira a qual deve ser esclarecida mais detalhadamente” (Quéré, 2012, p. 24).

É nesse sentido que a mídia participa da construção de acontecimentos-objeto; a partir dos acontecimentos-existenciais, os discursos midiáticos atuam simbolizando-os e ressignificando-os. Os acontecimentos construídos pela mídia dessa maneira trazem ecos dos acontecimentos-existenciais dos quais partiram e permitem compreender alguns de seus aspectos. Assim, ao olhar para os acontecimentos na mídia, estamos olhando para os acontecimentos na sociedade – em uma busca por compreender não apenas a singularidade das ocorrências, mas traços do contexto social em que se inscrevem.

Dessa forma, entendemos que a morte pode ser considerada um acontecimento, nos moldes de Quéré: ela tem uma existência no mundo, que é abordada e ressignificada pelos discursos midiáticos. A análise de alguns desses discursos permite perceber o modo como a morte afeta as pessoas e como revela características da sociedade em que se insere. Nesse sentido, a morte de uma figura pública é objetificada, simbolizada pela mídia – e a partir do acontecimento-objeto assim construído podemos compreender os dois eixos do acontecimento apontados acima: o seu poder de afetação e o seu poder hermenêutico. É a partir desses dois eixos que analisamos o suicídio do ator de teatro, novela e cinema Walmor Chagas, ocorrido em 18 de janeiro de 2013¹. Sua afetação ultrapassou as

¹ Para esta análise, foram lidos os depoimentos de três categorias de entrevistados em todas as matérias veiculadas sobre a morte de Chagas em jornais impressos, portais de notícia e revistas: célebres, parentes e amigos próximos e anônimos. Também foram considerados os discursos construídos pelos jornalistas. Os veículos escolhidos foram: *Estado de São Paulo*, *Folha de SP*, *G1*, *R7*, *Uol*, *Veja*, *Época*, *Carta Capital* e *Istoé*. A partir de 78 textos, pudemos perceber como os diversos núcleos de atores sociais se portaram diante da morte do ator e como o descreveram. Acreditamos que essa coleta de dados realizada em veículos diversificados permite apreender diferentes nuances desse acontecimento e de sua repercussão.

barreiras familiares e atingiu a classe artística. Além disso, esse acontecimento descortinou problemas relacionados à velhice e ao suicídio na sociedade contemporânea.

OS PODERES DA MORTE

Retomando reflexões de Sigmund Freud sobre os tempos de guerra e de morte, Barbosa (2004) nos explica o engrandecimento da figura do morto. A pesquisadora aponta que usamos o falecimento como a causa da interrupção de uma trajetória, deixando de criticar a pessoa, que passa a encarnar valores e incorporar a aura de herói. Há uma exaltação do sujeito que deixou o mundo, especialmente se ele for público. É o que Barbosa chama de *morto notável*, aquele de quem queremos nos aproximar e dizer adeus, mesmo sem ter nunca conhecido pessoalmente.

Essa perspectiva nos ajuda a compreender o suicídio de Walmor Chagas e a construção de uma narrativa biográfica do ator a partir desse acontecimento – o que revela o modo como celebridades mortas, em geral, se tornam exemplos de conduta e atuação e são dignas de aplausos. Mesmo tendo se retirado de cena antes do previsto pela natureza, o ator Walmor Chagas virou símbolo do teatro nacional na memória construída pelos atores sociais na mídia. Apesar de pouco, sua escolha por terminar a vida com um tiro na cabeça também foi tematizada.

O PODER DE AFETAÇÃO: DIFERENTES PÚBLICOS, DIFERENTES POSICIONAMENTOS

A biografia do ator foi construída a partir de depoimentos de célebres, familiares e anônimos. O poder de afetação residiu no que a perda daquele ser humano imputava ao meio artístico. Atores, diretores, autores de novela e dramaturgos foram convidados a compartilhar suas experiências, a fim de construir a memória dele no imaginário social. Descrito como homem exemplar, não faltaram elogios para contar como o ator era “fantástico” e como era “fácil” trabalhar ao seu lado, já que foi um profissional “generoso”, “dedicado” e com presença forte em cena (“Walmor estava quase cego”, diz diretor de filme inédito do ator’, *Veja*, 18 de novembro de 2013; ‘O ato final de Walmor Chagas’, *Época*, 26 de janeiro de 2013). Colegas de profissão exaltaram seu amor pelo teatro e o gosto pelo trabalho, além de sua inquietação com a arte. Segundo muitos dos entrevistados, apesar da ampla experiência, Chagas queria sempre fazer melhor. Dono de um

talento “extraordinário”, era “culto”, “intelectual”, “corajoso” e de humor distinto. Sua beleza e elegância também foram importantes para conformar a imagem desse homem “firme” nas opiniões. No lado pessoal, é visto como de “bom caráter”, uma “grande pessoa”, disposta a ensinar aos que contracenavam com ele (‘Veja a repercussão da morte de Walmor Chagas’, *Globo G1*, 18 de janeiro de 2013).

“Grande sujeito. Me ensinou muito pra fazer o filme *A Intrusa*, que me deu prêmio em (Festival) Gramado e me trouxe para a (TV) Globo”, escreveu o ator José de Abreu no Twitter. “Ereto, voz ruidosa, mão firme, tinha tudo de um rei de uma peça de Shakespeare”, disse o último diretor a trabalhar com ele, Bernard Attal (“Era apoiador do teatro popular”, diz diretor’, *Estadão*, 19 de janeiro de 2013). Nessas descrições, vemos o que Rodrigues (2006) percebe ao estudar a morte. Segundo ele, ao poderoso, é concedida a imortalidade, já que está inserido em uma corporeidade mística, provisoriamente ligada ao corpo físico. Podemos, aqui, pensar que o mesmo ocorre com a figura de Walmor Chagas. Ao angariar tantas virtudes, é resumido por quase todas as celebridades como o maior ator de teatro do país, sendo sua morte uma grande perda para o setor artístico, mas também um legado para a história teatral. “Quero que ele tenha um descanso mais que merecido e que os brasileiros se lembrem da importância e da grandeza desse ator”, desejou o ator Tony Ramos (‘Tony Ramos diz: “Walmor fez um dos filmes mais belos do cinema brasileiro”’, *Globo G1*, 18 de janeiro de 2013). Discurso semelhante proferiu a ministra da Cultura, Marta Suplicy, ao dizer que Chagas foi alguém que deve ficar marcado na memória dos brasileiros (‘Corpo do ator Walmor Chagas é cremado no interior de São Paulo’, *Estadão*, 20 de janeiro de 2013).

A tendência de uma biografia exemplar é explicada por Rondelli e Herschmann (2000) como fruto da sociedade contemporânea. A intenção é a busca de heróis, oferecidos como uma base exemplar na construção de outras vidas. A trajetória de Walmor Chagas dá sentido a muitas outras. No entanto, essas narrativas são fragmentos isolados da vida unidos em uma construção midiática. O sujeito passa a povoar a memória coletiva de acordo com essas interpretações produzidas. Os artistas, por exemplo, deixaram os problemas da velhice e seu clímax – o suicídio – de lado.

Poucos célebres citaram, em meio às longas exaltações de Walmor Chagas, sua visão de vida distinta, um ponto de vista trágico da existência, e como sua recente fragilidade física afetou seu intelecto. Segundo alguns depoimentos, ele estava praticamente cego. A situação o teria deixado triste, pois não conseguia mais ler ou “curtir a vida” (‘O ato final de Walmor

Chagas', *Época*, 26 de janeiro de 2013). Apenas três pessoas nos textos analisados arriscaram falar sobre a escolha do suicídio. A atriz Beatriz Segall disse que gostaria de ter trabalhado com o ator novamente, "mas ele resolveu se retirar muito cedo" ("Era apoiador do teatro popular", diz diretor', *Estadão*, 19 de janeiro de 2013.). Já o ator e diretor de teatro Amir Haddad foi mais explícito: "Não entendo que um homem que viveu como ele viveu possa ter chegado ao final da vida amargurado". O ator José Wilker, por sua vez, afirmou que o suicídio não foi uma surpresa. "Nunca imaginei, mas sempre soube que ele era tão dono da própria vida e que poderia cometer um ato desses por ser uma pessoa certa. Uma pessoa que não tinha meias palavras, sempre dizia o que pensava e sempre assumia tudo que ele dizia" ("Walmor é um dos maiores atores que este país já produziu", diz José Wilker', *UOL*, 18 janeiro 2013.). Tais declarações, dissonantes das demais, revelam o que outros atores sociais pertencentes ao meio da fama quiseram deixar no esquecimento. O suicídio ficou de lado, obscuro, frente à grandiosidade de Walmor nos 82 anos antes do dia em que resolveu se matar. Aí, no modo como as pessoas se mostraram afetadas por essa morte, apreendemos também a dimensão hermenêutica desse acontecimento: limitar a velhice perante a juventude e apagar o suicídio confirmam dois fortes tabus da sociedade (o que será discutido em presecção posterior).

Os anônimos próximos ao ator, no entanto, não hesitaram em falar desses assuntos. Familiares e amigos deixaram sua identidade mais próxima da dos anônimos ao apresentar um Chagas com defeitos. Nesse núcleo, a morte aparece como central, diferentemente do tom dado pelas celebridades, que colocaram Chagas como o próprio acontecimento².

O cuidador do ator, Wagner Antônio Miguel, confirmou aos jornais que o patrão tinha problemas no coração, diabetes e gastrite (Walmor Chagas morre aos 82 anos, *Veja*, 18 de janeiro de 2013). Já sua advogada, Maria Dalva Coppola, disse que o cliente estava inconformado com as limitações físicas da velhice, como a dificuldade de locomoção e visão, o que o deixou triste, pois "queria viver plenamente" ("Limitações da velhice enclausuraram Walmor", diz advogada', *Veja*, 19 de janeiro de 2013). A debilitação era tanta, que precisava de auxílio nos mais simples movimentos. A filha, Clara Becker, lembrou como o pai comparava o próprio corpo a um calhambeque que todo dia precisava ir à oficina. Ele dizia se sentir dependente e não gostava de dar trabalho. Diabético, cego e sem apetite, foi a São Paulo fazer exames de rotina, prometeu a Clara que voltaria e disse que a amava

² Para uma discussão sobre celebridades como acontecimento: Simões, 2012; Lana & Simões, 2012.

(‘Amigos e filha de Walmor Chagas contam como foram os dias finais do ator’, *Folha de São Paulo*, 29 de janeiro de 2013).

Essas falas revelam o problema da velhice na contemporaneidade, o que é discutido por Elias (2001). Para muitos, a morte não é só o instante da partida, tendo início antes, na velhice e na doença. Idosos são isolados da comunidade e veem sua vida social morrer antes de seu corpo. Esse movimento é um atestado de fraqueza das sociedades pós-modernas, em que os indivíduos têm dificuldade em se reconhecer nos velhos e nos moribundos. É o que vemos acontecer com Walmor Chagas, que se isolou por 20 anos em uma fazenda.

No entanto, paradoxalmente, parece que o ator via a morte como defende Elias (2001): desmitologizada, em que se reconhece o ser humano como ser mortal. De acordo com o amigo Antonio Cardoso, Chagas gostava de conversar sobre assuntos filosóficos e tinha uma percepção específica sobre a morte. “Era um cético convicto. Para ele, a morte era realmente o fim”, disse Cardoso, que não se surpreendeu com as circunstâncias da morte, já que o artista sofria com a saúde debilitada. “Acredito que seu suicídio foi resultado da sua teimosia, não queria ser um peso para ninguém. Ele na verdade quis escolher a hora de sua própria morte” (‘Amigos e filha de Walmor Chagas contam como foram os dias finais do ator’, *Folha de São Paulo*, 29 de janeiro de 2013).

Visão semelhante compartilhou a família, segundo a advogada Maria Dalva Coppola. Os parentes não contestaram a versão da polícia porque Chagas estava deprimido devido aos problemas da idade. O delegado que investigou o caso também apontou a solidão da velhice e seus problemas de saúde como motivos para o suicídio. Amiga do ator, a atriz Camilla Amada confessou que ele já havia falado sobre a possibilidade de se matar e que não escreveria carta de despedida, pois não queria drama, mas apenas a tragédia (‘Amigos e filha de Walmor Chagas contam como foram os dias finais do ator’, *Folha de São Paulo*, 29 de janeiro de 2013).

Há, então, uma tematização, por mais superficial que seja, do suicídio de Walmor Chagas. As vozes próximas ao ator não deixaram as fragilidades que o acometiam caírem no esquecimento. Segundo Rodrigues (2006), o que mais provoca o poder no suicídio é que ele reconhece a manifestação de liberdade humana. Esse mesmo poder incute vergonha nos parentes que sobrevivem ao suicídio e decreta impureza deles. Entretanto, os familiares e amigos fazem parecer que ele optou por esse caminho para não dar trabalho, não ser um estorvo, o que, de certa forma, é uma atitude em favor do próximo. Rodrigues (2006) afirma que aqueles que tiram a

própria vida em favor da coletividade, os suicidas altruístas, são dignos de respeito da comunidade, de homenagens e recompensas. Em algumas comunidades, em certas situações, esse tipo de morte é legitimado como a única saída. E parece ter sido aqui. Com tantos problemas de saúde, não havia outra forma de libertação para Chagas senão a morte, segundo os depoimentos.

Na terceira e última categoria, há os depoimentos dos anônimos, que não tiveram voz em nenhuma matéria coletada. Nenhum fã foi chamado para falar sobre Chagas, como ocorre em outras mortes. Vimos a presença dessas pessoas nos comentários enviados para os meios de comunicação. Nesses textos, encontramos tanto a condenação ao suicídio como a sua compreensão no caso do ator. Iolan da Moura, de Araxá, Minas Gerais, mostrou a dificuldade em conceber tal escolha: “Sobre o suicídio do ator Walmor Chagas (“Ato final”, 30 de janeiro), ele mostra como alguém pode, mesmo dentro do desamparo limitante do ser humano, decidir sobre como colocar um ponto final em seu destino no planeta Terra”. Outros tentaram minimizar as semelhanças da saída de cena de Chagas com a de sua esposa, Cacilda Becker, vítima de um AVC enquanto atuava ao seu lado no teatro. Vemos, também, a condenação ao ato. Valdevino de Castro, de Taubaté, São Paulo, disse que é preciso destacar que a atriz foi retirada pela morte natural: “Já Walmor escolheu a infeliz porta do suicídio, como se o homem tivesse o talante de definir o dia e a hora de sua partida. Coragem é enfrentar até o último minuto as lutas que a vida nos impõe” (Leitores comentam morte do ator Walmor Chagas, *Folha de São Paulo*, 20 janeiro de 2013).

Gilberto de Mello diz que Walmor se transformou em um homem em retirada com a morte da amada, o que o levou ao “trágico fim” (Ato Final, *Veja*, 6 de fevereiro de 2013). A morte voluntária, para Uriel Villas Boas (Fórum dos leitores do Estadão), não é digna de aplausos como a sua carreira, mas de tristeza.

A sua figura já faz parte da história da cultura brasileira e, ao decidir pôr um fim à solidão que assumiu há alguns anos, ele volta ao destaque nos meios de comunicação e, por certo, não como seus admiradores gostariam que acontecesse. Mas há fatos que precisam da compreensão de quem sabe das razões que o levaram a se isolar numa chácara no interior do nosso Estado. A sua história poderá embasar a carreira de quem desejar se dedicar à arte e a cultura, esse é um enorme legado do grande Walmor Chagas.

Podemos perceber nesse primeiro eixo de análise que o suicídio de Walmor Chagas afetou de diferentes formas os sujeitos. Os célebres, de

forma geral, se preocuparam em evidenciar a importância profissional do ator na vida cultural brasileira, além de valores agregados à sua imagem como a generosidade e a dedicação que possibilitaram a construção de uma carreira e uma vida exemplares. As pessoas próximas, por sua vez, se mostraram mais tocadas pela situação da própria morte (o suicídio) e pela vida difícil de Chagas que o conduziu a ela. Há uma compreensão em relação a essa liberdade de tirar a própria vida, dadas as circunstâncias do envelhecimento – o que também aparece nas falas de anônimos analisadas. Nestas, entretanto, emerge também a condenação do suicídio – o que será discutido no próximo eixo de análise.

PODER HERMENÊUTICO: O TABU DO SUICÍDIO E OS PROBLEMAS DA VELHICE

Das 78 matérias coletadas, apenas quatro se dedicaram especificamente ao suicídio. Duas eram textos de colunistas, que, em geral, possuem mais liberdade para expor opiniões. Roberto Pompeu de Toledo, de *Veja*, e André Forastieri, do *R7*, discutiram a essência da morte voluntária com base na decisão do ator. O primeiro descreveu como se deu o acontecimento: Chagas, “sentado numa cadeira”, logo após almoçar, deu um tiro na cabeça. Com um tom a favor do ato, Pompeu alega que o artista “não quis ser surpreendido” e, por isso, “fez acontecer”. Ele chega a afirmar que se tratava da “questão do suicídio em si mesma”, um ato corajoso, de alguém que “não se prostrou” e confirmou ser “dono do próprio nariz” em um “sinal de liberdade” (Ato Final, *Veja*, 6 de fevereiro de 2013).

Já Forastieri (Walmor Chagas e o último ato, *R7*, 21 de janeiro de 2013) optou por destrinchar a milenar discussão filosófica sobre o suicídio. “Como morrer? Sábios da antiguidade se dedicaram muito ao inexorável tema”, indagou o jornalista ao contar a história de Petrônio que, nos tempos de Nero, acusado de traição, não quis lidar com a prisão e cortou os pulsos em um banquete. “Os únicos tipos de suicídio que estão além das críticas são, como este, para escapar de um destino pior que a morte. É um princípio que vem dos Estóicos. Os filósofos gregos pregavam que suicídio é a fuga de uma responsabilidade moral, social, espiritual. Só é permissível em casos extremos”, divagou. E, assim como Toledo, caracterizou a escolha de Chagas elegante e corajosa: “Grande ator, soube a hora de sair de cena. Sai sob aplausos”.

Nas outras duas matérias, ambas publicadas no *Uol*, o suicídio aparece com outra conotação. A primeira, assinada por Heloísa Noronha, chama atenção já no título: “Suicídio de Walmor Chagas serve de alerta para a

depressão na velhice” (UOL, 24 de janeiro de 2013). De forma bem direta, a jornalista tratou essa morte como um problema social crescente entre os idosos. Ancorada em especialistas em psicologia, a reportagem pegou o caso de Chagas para retratar a depressão na terceira idade. O ator, que se isolou em um sítio no interior de São Paulo e sofria com os problemas da idade avançada, é colocado como apenas mais um que chegou ao fundo do poço. “As limitações típicas da velhice são o principal detonador dos casos de depressão entre idosos, conforme pesquisas”, diz o texto, que relata como causas o isolamento, o sentimento de inutilidade, a falta de atenção da família e a dependência. “Além dos medicamentos específicos e das sessões de psicoterapia, para enfrentar a depressão é preciso coragem, motivação e vontade de se adaptar às necessidades de mais uma fase do desenvolvimento humano. A família e os amigos têm papel fundamental para ajudar o idoso a atravessar a doença, mas ele também tem de encontrar os próprios mecanismos de defesa”, conclui Noronha.

A segunda matéria, de Thiago Azanha, mostra como o suicídio do artista foi capaz de “deteriorar a saúde” de sua cunhada, a atriz Cleyde Yáconis, irmã de Cacilda Becker. “O suicídio de Walmor Chagas, em janeiro deste ano, deixou a atriz Cleyde Yáconis ‘muito triste e decepcionada’, causando mais problemas à sua saúde” (UOL, 16 de abril de 2013), dizia o texto.

O material, apesar de restrito, revela uma tímida mudança de postura da mídia, que se atreveu a tocar no assunto de forma diferenciada. Seja discutindo o suicídio ou apontando causas e prevenções, parece haver uma tentativa de quebrar o tabu ao falar com naturalidade do tema. A atitude é incomum no meio jornalístico, em que a ordem é encobrir o tema³.

Estudioso clássico do assunto, Durkheim (2000) foi o primeiro a não tratá-lo como doença ou loucura, mas como uma expressão individual de um fenômeno coletivo. Antes, estudos médicos se fundiam com lendas, o que remonta à Idade Média, quando o suicídio era sinônimo de loucura ou possessão do demônio. Durkheim provou, então, que o ato é um fenômeno racional, pois, em países onde há mais loucos, há menos casos, não havendo ligação com a “taxa social”. A cota de suicídios por sociedade é estável por períodos de tempo, e a única constante é a relação direta com o grau de envolvimento da pessoa com a sociedade.

O sociólogo francês acredita que os meios de comunicação de massa são importantes componentes da integração social. Sendo a taxa de suicídios regular e alta, seu contágio é o que mantém velada a relação com a

³ Apesar de pouco tematizado nos veículos de comunicação, o suicídio não é raro. Segundo a Organização Mundial de Saúde, entre 20 e 60 milhões de pessoas tentam se matar por ano, e cerca de um milhão consegue.

mídia. Contudo, Durkheim diz que um indivíduo não se mata se não estiver predisposto a isso; a imprensa agiria sobre aqueles que têm a tendência à morte voluntária. Para ele, o aumento de assassinatos ou suicídios se daria pela forma como se noticia e não pela divulgação em si.

Talvez, o tabu que ronda a sociedade queira evitar o que ocorreu em 1774, na Alemanha, quando o escritor Johan Von Goethe lançou o romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e gerou uma onda de suicídios no país. Assim como o personagem principal, jovens que viviam amores não correspondidos se matavam com um tiro de pistola e eram encontrados com exemplares do livro ao lado do corpo. É justamente esse o impasse discutido por Dapieve (2007), que cita um estudo realizado em 1970 por David Phillips, que percebeu um aumento de 12% nos suicídios nos Estados Unidos logo após a morte de Marilyn Monroe. O trabalho, no entanto, chegou à conclusão de que casos noticiados aumentam as taxas em apenas 2,51%. Os impressos seriam mais fortes como propagadores da imitação, pois podem ser guardados, relidos e têm 82% mais influência que a televisão.

Dapieve (2007) vê, então, uma imprensa que compartilha a visão social sobre o suicídio, se solidarizando com o tabu, de forma que reflete e reforça o senso comum, condenando-o por problemas particulares e o absolvendo quando as causas são externas. Logo, o jornalista defende que o vínculo entre imprensa e sociedade é indissolúvel, de modo que a mídia forma opinião pelo que diz e também pelo que não diz.

Se a noticiabilidade do suicídio é contagiante ou não, os especialistas ainda não chegaram a um consenso. Fato é que a morte de Walmor Chagas revelou de forma mais contundente esse tabu e serviu para questioná-lo.

APONTAMENTOS FINAIS

O objetivo deste texto foi refletir sobre a morte de Walmor Chagas, discutindo como o suicídio de uma figura pública afeta a vida das pessoas e pode revelar questões importantes do contexto em que se insere. No caso aqui analisado, procuramos apontar como esse acontecimento trouxe à tona não apenas a trajetória de vida desse artista célebre, mas problemas sociais como o suicídio e a depressão na velhice. A análise exhibe, assim, o potencial revelador da morte de uma celebridade ao iluminar esses temas-tabu, convocando a sociedade a discuti-los, a agir e a se posicionar em relação a eles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa, M. (2004). A morte imaginada. Comunicação apresentada no XIII Compós, São Bernardo do Campo-SP.
- Costa, A. C. (2013, 19 de janeiro). Limitações da velhice enclausuraram Walmor, diz advogada. *Veja*. Retirado de <http://veja.abril.com.br/entretenimento/limitacoes-da-velhice-enclausuraram-walmor-diz-advogada/>
- Couri, N. (2013, 26 de janeiro). O ato final de Walmor Chagas. *Época*. Retirado de <http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/noticia/2013/01/o-ato-final-de-walmor-chagas.html>
- Dapieve, A. (2007). *Morreu na contramão: o suicídio como notícia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Dastur, F. (2002). *A Morte: ensaio sobre a finitude*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Durkheim, E. (2000). *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Elias, N. (2001). *A Solidão dos Moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Fioratti, G. (2013, 29 de janeiro). Amigos e filha de Walmor Chagas contam como foram os dias finais do ator. *Folha de São Paulo*. Retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1221664-amigos-e-filha-de-walmor-chagas-contam-como-foram-os-dias-finais-do-ator.shtml>
- Herschmann, M. & Pereira, C. A. M. (Org.) (2005). *Mídia, Memória e Celebidades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-Papers.
- Lana, L. & Simões, P. G. (2012). Duas vinculações possíveis entre personalidades e acontecimentos: diferentes modos de atuação na vida pública. In V. França & L. Oliveira, *Acontecimento: reverberações* (pp. 213-231). Belo Horizonte: Autêntica.
- Monteiro, G. (2013, 20 de janeiro). Corpo do ator Walmor Chagas é cremado no interior de São Paulo. *Estadão*. Retirado de <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,corpo-do-ator-walmor-chagas-e-cremado-no-interior-de-sao-paulo-imp-,986429>
- Noronha, H. (2013, 24 de janeiro). Suicídio de Walmor Chagas serve de alerta para a depressão na velhice. *UOL*. Retirado de <http://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2013/01/24/suicidio-de-walmor-chagas-serve-de-alerta-para-a-depressao-na-velhice.htm>
- Quéré, L. (2005). Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos, revista de comunicação, cultura e educação*, 6, 59-75.
- Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

- Rondelli, E. & Herschmann, M. (2000). A mídia e a construção do biográfico. *Revista Tempo Social*, 12(1), 279-309.
- S/A (2013, 19 de janeiro). “Era apoiador do teatro popular”, diz director. *Estadão*. Retirado de <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,era-apoiador-do-teatro-popular-diz-diretor-imp-,986110>
- S/A (2013, 18 de janeiro). “Walmor estava quase cego”, diz diretor de filme inédito do ator. *Veja*. Retirado de <http://veja.abril.com.br/entretenimento/walmor-estava-quase-cego-diz-diretor-de-filme-inedito-do-ator/>
- S/A (2013, 18 de janeiro). Walmor Chagas morre aos 82 anos. *Veja*. Retirado de <http://veja.abril.com.br/entretenimento/walmor-chagas-morre-aos-82-anos/>
- S/A (2013, 18 de janeiro). Veja a repercussão da morte de Walmor Chagas. *Globo G1*. Retirado de <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/01/veja-repercussao-da-morte-de-walmor-chagas.html>
- S/A (2013, 18 de janeiro). Tony Ramos: “Walmor fez um dos filmes mais belos do cinema brasileiro”. *Globo G1*. Retirado de <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/01/tony-ramos-walmor-chagas-fez-um-dos-filmes-mais-belos-do-cinema-brasileiro.html>
- S/A (2013, 18 de janeiro). “Walmor é um dos maiores atores que este país já produziu”, diz José Wilker. *Uol*. Retirado de <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/18/walmor-tinha-uma-ironia-fina-culta-inteligente-disse-jose-de-abreu-veja-repercussao.htm>
- S/A (2013, 20 de janeiro). Leitores comentam morte do ator Walmor Chagas. *Folha de São Paulo*. Retirado de <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/1217491-leitores-comentam-morte-do-ator-walmor-chagas.shtml>
- Simões, P. G. (2012). *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Toledo, R. P. (2013, 6 de fevereiro) Ato Final. *Veja*. Retirado de veja.abril.com.br.

Citação:

Simões, P. G. & Ferreira, J. S. (2016). O suicídio de Walmor Chagas: acontecimento e contexto social contemporâneo. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. Bernardo Vaz & Elton Antunes (Eds.), *Figurações da morte nos mídia e na cultura: entre o estranho e o familiar* (pp. 131-144). Braga: CECS.